

REVISTA

bulunga

outubro de 2024 - número 34

edição
especial



INTELIGÊNCIA

ARTIFICIAL

editorial

Em muitas capitais, as eleições foram para o segundo turno. É que os eleitores ficaram na dúvida entre a escolha de um candidato ruim ou de um péssimo, e assim terá uma nova oportunidade para optar pelo menos pior, com ressalvas. Mas nem sempre isto é possível. A situação está no nível do “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”.

Pablo Marçal teria surgido como um verdadeiro fenômeno nacional, apesar de disputar apenas a Prefeitura de São Paulo, mas o Brasil inteiro acompanhou os debates, esperando ver um espetáculo envolvendo cadeiradas, socos e xingamentos, e muitos apostavam que seria ele o grande nome da oposição para a Presidência, em 2026, mas decepcionou a todos com o fiasco do grande “trunfo” que teria contra o comunista Guilherme Boulos, um laudo médico falso, postado em suas Redes Sociais um dia antes do pleito, o que lhe custou a debandada de significativo número de seguidores, ficando fora do segundo turno.

Para piorar a situação, entrou na jogada o pastor Silas Malafaia, com aquela sua voz chorosa e colérica, descendo o dedo no gatilho de sua abençoada metralhadora contra Marçal, contra Bolsonaro e até mesmo contra o Louro José, que já partiu desta para melhor. O problema é que o tal pastor nem é candidato, e sua trajetória não é assim tão “confiável”, pois não foi possível apagar os seus vídeos no YouTube, onde usa os meios mais constrangedores para extorquir o dinheiro suado dos fiéis de sua igreja,

tratando o dízimo e as ofertas como uma espécie de “investimento”. Também já foi um empolgado apoiador de Lula e de Doria, e agora está morrendo de amores por Kassab e por Tarcísio, atual governador de Sampa que ainda não se firmou em uma posição definida, sendo mais tendente ao lado de lá.

Em Belo Horizonte, Mauro Tramonte, o apresentador de TV, que prometia desbancar com facilidade os demais candidatos, foi contraditoriamente apoiado por notórios opositores, o governador Zema e o ex-prefeito Kalil, e com isso ficou de fora, mais uma vez provando que o povo pode ser bobo, mas não é burro.

As coligações que vêm ocorrendo chegam a ser lamentáveis: é a chamada “extrema direita” se associando ao “centrão” ou até mesmo à esquerda (que ninguém pode chamar de “extrema”, senão vai preso); é comunista se associando a terrorista, é vagabundo se misturando com canalha, é LGBT apoiando homofóbico, e o resultado há de ser o esperado: distribuição de cargos do primeiro, segundo e terceiro escalão, cabide de empregos e desvio de verbas.

E quem prometia moralizar o Brasil, agora vai a público, com a maior cara de pau, para dizer que teve que mudar o seu posicionamento em nome da “governabilidade”. Mas o nome disso é “maracutaia”.

Dá tristeza ter que dizer que o Brasil não tem jeito. E não tem mesmo. O país precisa de heróis, mas já dizia um cantor que eles morreram de overdose.

todo mundo está morrendo de medo dessa tal

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Michel Salomão

O assunto já foi tema de artigos anteriores desta Revista, mas como estava faltando material para este número, considerando que mais um potencial entrevistado cancelou a sua participação na última hora, resolvemos encher uma linguiça gostosinha, para ocupar as páginas restantes, inclusive, inserindo muitas imagens. Mentira,

fazemos esses comentários desairosos contra nós mesmos para ganharmos a empatia do público, recurso da autodepreciação muito usado por stand-up comedians, mas como não temos competência para subir em um palco, preferimos ficar por aqui, escondidos atrás da tela de um computador, escrevendo idiotices. Mas isto é uma forma de inteligência, só que natural, obviamente, pois ainda não possuímos chips ou eletrodos implantados em nossos cérebros, apesar de não duvidarmos que comecem a fazer isso em breve, o que servirá para que as pessoas não precisem utilizar equipamentos externos como smartphones, óculos ou anéis inteligentes, a fim de ampliarem de forma artificial suas habilidades.



Não acreditamos, contudo, que a Inteligência Artificial seja capaz de produzir humor, uma característica tipicamente humana, com seu cinismo, ironia e irreverência, se bem que existe muita gente “travada”, incapaz de provocar ou esboçar sequer uma leve risada. Talvez sejam robôs e a gente nem está sabendo.

Temos visto muitos avanços neste promissor território da Inteligência Artificial, e isso chega a impressionar. Porém, o que mais nos assusta é a produção de imagens, cada vez mais reais, além de recursos como a tradução instantânea, com a voz e a movimentação labial dos interlocutores sincronizadas em



a IA não teria a capacidade de criar novos comandos, além daqueles inicialmente programados, para serem fiéis e bondosos com os seres humanos, pois sempre teriam uma “Inteligência limitada”, mas é possível que alguns de seus programadores sejam terroristas capazes de prepará-la para nos destruir, assim como constroem bombas para jogarem sobre as cabeças uns dos outros. Assim o pro-

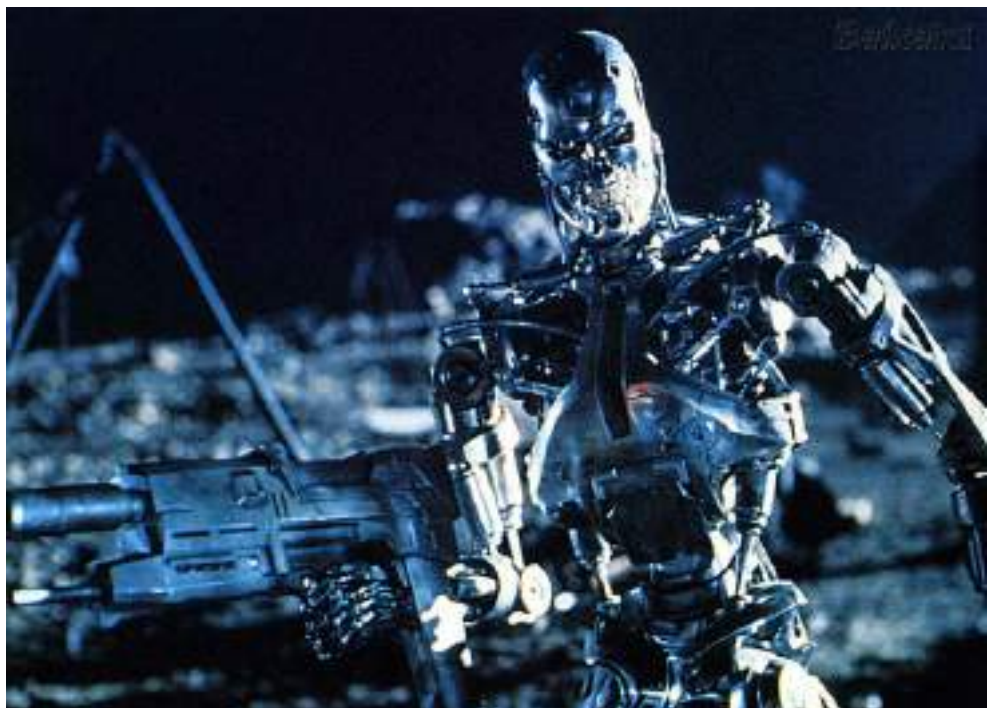
qualquer idioma escolhido. Mas com relação à criação de textos, não está tão bom. É tudo muito certinho, limpinho, sem graça. A gente percebe na hora que foi feito por IA. Pelo menos se mantivessem uns erros ou outros, como nós costumamos fazer nesta Revista, ficaria bem mais real. É claro que nem todo mundo é tão analfabeto como nós, entendemos isso, mas não precisariam ficar nos lembrando dessas coisas.

Existe algo mais maravilhoso do que perguntar para o seu smartphone o preço de determinado produto ou serviço, e ele realizar uma rápida pesquisa, mostrando diversos outros detalhes extras que facilitam a nossa vida, economizando o nosso precioso tempo? Isto é o que mais nos agrada na Inteligência Artificial. Não temos inteligência suficiente para pensarmos em utilidades mais nobres. Mas tem muita gente morrendo de medo dos desmembramentos deste recurso, quando esse fabuloso “cérebro” começar a comandar as máquinas e mandar matar os humanos, assim como no velho filme “O Exterminador do Futuro”. Alguns especialistas afirmam que isso seria impossível, pois

blema não há de ser o que a Inteligência Artificial representa, mas a burrice do homem.

Na verdade, o que os homens mais temem é que a IA roube os seus empregos, seduzam as suas mulheres e, muito pior, tomem a sua cerveja estupidamente gelada que fica carinhosamente guardada no freezer.

O homem médio tem a mentalidade de um Homer Simpson, e caso a Inteligência Artificial permita que ele assista ao jogo de futebol de seu time preferido, na TV, trazendo em suas mãos uma cerveja gelada e, de quebra, um tira-gosto legal, ele deixará que ela domine o planeta sem a menor resistência, mesmo que isso represente o fim do mundo. Como diria o Gugu: “triste... muito triste”...





CID MOREIRA

Jorge F. Isah

retrocedem a nada além dos últimos 10 a 15 minutos, e olhe lá!

Em breve, mas muito breve mesmo, Cid Moreira estará no rol dos esquecidos, a habitar no limbo cada vez mais inconsciente das pessoas, e talvez se nomeie um viaduto, rua ou túnel com o seu nome, até ser substituído por outro, e permanecer como uma estatística apenas nas certidões de nascimento e obituário.

Mas quem ele foi?



Nasceu em Taubaté, São Paulo, em 1927, e faleceu este mês em Petrópolis. Dono de uma voz notável, apresentou o Jornal da Globo e o Fantástico por várias décadas, sem contar os muitos comerciais, documentários para cinema e TV (por anos, narrou o famoso “Canal 100”), e o trabalho que considerou o mais importante da vida: narrar toda a Bíblia Sagrada. Onde quer que atuasse, o seu profissiona-

A memória nacional é pródiga. Se existe uma marca indestrutível no cerne de cada brasileiro é o desdém e indiferença quanto ao passado e tudo o que representou e representa. Você já viu, por exemplo, quando o colecionador literário morre? Logo, todos os livros acumulados durante décadas são entregues pelos herdeiros ao primeiro sebo que se dispõe a “retirá-los” da casa, para que ela seja vendida o mais rápido possível e todos tenham o seu quinhão. Não se avalia o valor emocional, o valor artístico ou mesmo o valor monetário; via de regra, livros não valem nada, ao ver da maioria. Porém, existem exemplares que alcançam facilmente 3 dígitos, bastando uma rápida pesquisa e o mínimo interesse. Assim são as coisas por aqui, e não é diferente quanto aos grandes nomes do passado mais longínquo ou recente.

E o que isso tem a ver com Cid Moreira? Tudo. Ele, como outros grandes nomes do rádio e da TV, está com os dias contados, às portas do ostracismo. Quer um exemplo? Alguém se lembra do lendário Flávio Cavalcanti? Do não menos icônico Heron Domingues? Do Edson Cabariti, o Bolinha? Jacinto Figueira Jr., o Homem do Sapato Branco? As reminiscências tupiniquins não





lismo e excelência eram avidamente acompanhados e consumidos pelos fãs, numa mais do que justa homenagem.

Filho de um bibliotecário e de uma dona de casa, começou cedo a trabalhar na Rádio Difusora Taubaté, primeiramente na contabilidade e, posteriormente, na locução, onde se especializou em apresentar comerciais. O diretor da rádio era o seu pai, Isauro Moreira, sendo ele quem primeiro lhe abriu as portas ao estrelato, ainda que inconsciente, já que o filho foi contratado para uma vaga de escritório. Formado em Contabilidade, mudou-se para São Paulo em 1949, e foi admitido

pela Rádio Bandeirantes. Após passar por várias emissoras, foi contratado pela TV Excelsior e, de lá, em 1969, entrou para os quadros da TV Globo, onde seria o âncora do telejornal mais famoso do país, juntamente com o Repórter Esso. No cargo, permaneceu até 1996, e é, ainda hoje, o apresentador mais longevo de um mesmo programa.

Com a sua voz característica e perceptível até mesmo para um surdo, Cid foi um dos grandes, senão o maior, dentre as notáveis vozes da narração brasileira. Tenista amador, curtiu o esporte até os 80 anos, com a mesma elegância de quem sabia imprimir emoção, sobriedade e magnetismo na arte do raconto. É mais um a nos

deixar órfãos de talento. Morreu vítima de falência múltipla de órgãos, em decorrência de problemas respiratórios e renais crônicos. E não mais ouviremos a sua clássica saudação: “Boa noite!” Foi a sua despedida.



“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br



A Mákina

Sammis Reachers

Sábado, 7h12 da manhã, Boaçu.
Melhor: Sexta-feira, 19h01, Pacheco.
Ou um domingo ensolarado no Arsenal,
às imaturas 6h45.

Lá vem ela.

A mákina®.

Seu sinal, onipresente do Oiapoque ao Chuí, berra. Berra firme, bezerro desmamando, agoniado, tarado num estertor pior que o de uma cigarra.

Nas horas mais improváveis e não-comerciais, no mais santo dos santos dias, um vizinho, esse avatar do cão, vai ligar uma maldita Makita®. Quem sabe você, neste exato momento, consegue ouvir, aí ao lado ou à distância, o lamento infernal da retalhadora de porcelanas e aparentados mais pobres?

A kretina atravessou meio mundo, nadando nas costas de um tritão ou Godzilla ou Kondzilla ou outro demônio dos sons e mares. Sim, veio do Japão, das mãos ou garras de Mosaburo Makita, cujo império de terror illuminati é hoje o segundo do mundo no quesito ferramentas elétricas.

Aquele puxadinho para ampliar a casa, o piso da área de serviço prometido há anos pra patroa, o quarto da menina, coitada, já mocinha e pisando no cimentado cru. O novo piso que a dondoca – dondoca não, guerreira da Jequiti – quer porque quer colocar sobre o antigo. O palacete do vizinho bacana (político, cana?) sendo forrado no mais tarimbado porcelana-

to, 300 reais o metro. E o campeão suburbano das makitagens: Aquele coroa mukirana, que anda pelas ruas esfarrapado e na dependência do busão, expandido os negócios, quais sejam, mais uma kitinete para sua vila de já 15 casebres, numa sanha por dinheiro, dinheiro que só serve... para comprar mais tijolo e acionar a Makita, e isso desde que você era um moleque.

Não importa o motivo, todos perfeitamente justos e válidos. O que realmente constrange e emputece o entorno, o você aí no seu sofá, é a lerdexa. A protelação. O pinga-gotas. O entra-e-sai de dias e aquela maldita Makita cantando, pakita do inferno, papagaia do marquês de Sade. A catedral – pois só pode tratar-se de obra duma faustosa catedral – rompe décadas sem ser concluída.

Pode ouvir, amigo leitor? Esse urro tenebroso, lancinando os ares, empoeirando de lascas cancerígenas o meio ambiente ou o ambiente inteiro? O som dessa labuta que nunca termina, feito Sísifo rolando aquela pedra morro acima, para vê-la despencar e recomeçar, ou Penélope tecendo aquela colcha à espera de um Ulisses que nunca virá.

É ela. A que nunca dorme. A espada, alabarda ou motosserra do kapeta.

A mákina.



Sammis Reachers é escritor, poeta e editor

sreachers@gmail.com

orgias do **PODER**

A prisão de Sean John Combs, mais conhecido como Diddy, agitou o poderoso mundo da música norte-americana. Isso porque pesam sobre ele acusações gravíssimas, pois ele “passou o rodo geral”, sem querer saber se as suas vítimas eram mulheres, homens ou crianças. Também é acusado de exploração de redes de prostituição, abuso sexual com a utilização de entorpecentes sem o consentimento das vítimas, além das suspeitas de envolvimento em algumas mortes misteriosas, a exemplo da ex-esposa Kim Porter, da cantora e atriz Aaliyah e dos rappers Tupac e Notorious Big, e dizem que pode ter o seu dedo podre na morte de Michael Jackson, o que poderá lhe render uma pena de prisão perpétua, caso não “molhe as mãos” das pessoas certas.

Quando criança, era muito pobre, morava no Harlem, o pai era um policial que depois de certo tempo começou a trabalhar para um mafioso, com a missão de eliminar os inimigos do chefe, até que morreu num tiroteio quando Diddy tinha cerca de três anos de idade



e a família entrou em séria crise financeira.

Mas ele se inseriu no universo do rap e meteoricamente se transformou em um renomado produtor, primeiramente trabalhando na Uptown Records, para depois montar sua própria gravadora, a Bad Boy Records, lá pelo início dos anos 90, por conta de “contatos” com gente de seu nível, a maioria criminosos vestidos de empresários. Dizem que também fez fortuna com empreendimentos no setor de bebidas alcoólicas e com a indústria da moda. Imaginem como.

Diddy promovia festas babilônicas frequentadas pela “nata” de Hollywood, que a certa hora evoluíam para as “freak offs”, verdadeiras orgias romanas, com direito a muitas bebidas, drogas e milhares de frascos de óleos lubrificantes (para quê isso, inocente?), com a participação de garotos e garotas de programas, onde os convidados eram filmados no meio do bacanal e posteriormente ameaçados e chanta-



geados.

Entre os convidados estava gente do naipe do rapper e produtor Jay-Z e do ator Ashton Kutcher, considerados seus melhores amigos, além de Justin Bieber, Beyoncé, Jennifer Lopez (sua ex-namorada), Will Smith e seu filho Jaden, Madonna, Leonardo di Caprio, Adam Sandler (dá para acreditar?), as irmãs Kardashians, Usher, Rihanna, entre outros. Alguns desses nomes teriam sido “descobertos” ou “ajudados a deslanchar” pelo magnata produtor, depois de se submeterem aos “favores” exigidos por ele.



Mas não se sabe se todos os citados participavam das “festinhas” privadas.

Conhecido pelo seu exibicionismo doentio, pelo amor aos diamantes e aos carros de luxo, iates, helicópteros e aviões, eram de domínio público suas taras sexuais, suas práticas abusivas, as humilhações a que submetia as suas vítimas e outras atitudes até então não denunciadas, com todo mundo caladinho, levando as suas vantagens, mas tudo veio abaixo quando sua ex-namorada, Cassie Ventura, colocou a boca no mundo e apresentou provas irrefutáveis de seus crimes. Entre outros abusos, ele a obrigava a ingerir drogas e a fazer sexo com outros homens e mulheres, enquanto filmava e se masturbava, e caiu na Rede o vídeo de uma câmera de segurança do hotel em que a chutava vá-



rias vezes e depois a arrastava pelos cabelos, do corredor até o quarto.

Dizem que teria abusado sexualmente de Justin Bieber quando este tinha cerca de 15 anos, e em troca lhe ofereceu oportunidades

para um questionável sucesso, considerando que muitos poderiam superá-lo em talento. O mesmo se comenta com relação ao cantor Usher, mas este afirma que o seu “precioso” continua intacto. Também se comenta sobre um suposto envolvimento sexual com o ator e rapper Will Smith, famoso pela ridícula cena em que estapeou o rosto de Chris

Rock, na cerimônia do Oscar.

A cantora Rihanna teria sido outra de suas vítimas, que dizem ter sido sequestrada na Ja-



maica, ainda menor de idade, para assinar um contrato com Jay-Z, por ordem de Diddy, o que explicaria o inexplicável (não se assuste com o trocadilho) sucesso de “Umbrela”, uma música que fala de sombrinhas, dessas que as mulheres usam em dias de chuva. Dá para acreditar que um “hit” desses faça sucesso sem que haja o investimento de milhões de dólares?

O caso pode ser muito pior do que o protagonizado por Jeffrey Epstein, magnata que promovia festas orgíacas em sua ilha, onde eram oferecidos serviços de prostituição infantil, algumas delas frequentadas por gente fina como o ex-presidente dos EUA, Bill Clinton, o magnata



da Microsoft, Bill Gates e pelo Príncipe Andrew, irmão do Rei Charles III, da Inglaterra. Jeffrey suicidou-se na cadeia, mas os notáveis frequentadores acabaram ilesos.

“Diga-me com quem andas que direi quem és”, diz o famoso ditado. Dá para perceber com facilidade que o universo glamouroso de Hollywood não é um lugar para gente séria. Mas não é só lá. Aqui, no Brasil, há décadas se fala dos esquemas da Rede Globo e de seus diretores gulosos, mas não haveremos de duvidar que algo parecido possa ocorrer em outras emissoras, na nossa indústria da música, nos clubes de futebol e até no meio religioso, onde líderes inescrupulosos são capazes de praticar atividades abusivas em troca de benefícios escusos.

Isso é o que explica a “sorte” de ídolos sem o maior talento, promovidos exaustivamente até “explodirem” com

os seus sucessos, enquanto verdadeiros tesouros permanecem no anonimato.

Diddy tinha diversos nomes, sendo também conhecido como P. Diddy, Puff Dady, Brother Love, além de Sean John Combs, mas o que poucos sabiam que o seu verdadeiro nome era Didi Mocó Sanrisesp Calesterol, em homenagem ao trapalhão Renato Aragão (foto), o “Da Poltrona”, de quem era fã, e talvez isso explique sua obsessão por testes do sofá.

A fama de Diddy teria sido o mote para aquela velha piada do fazendeiro que queria comprar um galo para “cobrir” suas 364 galinhas, e depois de testar três belos campeões, que caíram mortos logo nas primeiras “coberturas”, acabou aceitando um galinho feio, franzino, chamado Tito. Pois Tito não só “cobriu” todas as galinhas três vezes cada, em uma só tarde, como saiu “prejudicando” as cabritas, as vacas, as patas, as marrecas e também os bois, os bodes os gambás, os cavalos e tudo o que via pela frente, desaparecendo pelo matagal. O dono da fazenda, desesperado, foi atrás de Tito, temendo que ele invadisse a fazenda do vizinho, e aí seria o caos, pois não se davam bem, e encontrou o galinho deitado de costas, no chão, com as patinhas para cima, e pensou: “coitado, está morto”. Mas chegando mais perto, viu que o animalzinho abriu um dos olhos e sussurrou: fica quieto aí, pois só estou esperando aqueles urubus descerem para eu acabar de fazer o serviço”.

Esse é o Diddy.

Michel Salomão



ONDE ESTÁ DEUS?

(Deus, Hollywood e Eu)

Daniela Savassi

Eu pensei em começar esse papo de hoje falando sobre as notícias aterrorizantes que chegam diariamente, dos tempos caóticos em que estamos vivendo em todos os sentidos, da inversão de valores, da sociedade polarizada, violência, catástrofes, guerras, que nos fazem questionar onde está Deus e pensar que Deus não existe e não está em lugar algum.

Depois, apaguei e comecei a escrever sobre a filosofia coach, que nos tem exaurido atualmente e que nos leva a crer que a solução de tudo é alienar-se das notícias negativas do mundo, focar somente na sua produtividade, pensar positivo, falar PNL e meditar mindfulness, comer somente o que Deus fez, dançar na chuva, começar o dia mergulhando na banheira de gelo e fazer a mandala dos sonhos.

Nesse mundo perfeito de Truman, de alecrins dourados alienados, mas focados.... peraí, focados em que mesmo? Ah é, em seus umbigos e seus mentores da internet, é claro, para quem o centro do universo existe sim é cada um que tem o poder de fazer a roda girar ao seu entorno e a seu favor. Pra eles, Deus é um mero detalhe. Ele é a "energia do universo" e está feliz com todos, ajudando a quem conecta com o fluxo da "Sua Divina energia". Nessa folha qualquer onde se desenha um sol amarelo, Deus não é, ele está! Está em todos os lugares ou em qualquer lugar, aliás, Deus está no passarinho que canta, está na natureza e no sol que brilha.

Mas, espera, como Deus está no cantar do passarinho se ele foi carbonizado nas queimadas incessantes que, por sua vez, destruíram a natureza e encobriram o sol que não brilha mais, ofuscado por tanta névoa de fumaça?

É querido leitor, este é realmente, um tema desafiador. Como falar de Deus em tempos apocalípticos ou de Pollyana?

Então, lembrei-me de um evento de certo modo corriqueiro da história da minha vida. Certa vez, estava eu passeando de carro com um amigo indiano em Vancouver.

Na verdade, ele me buscou para conversarmos, porque eu estava em um dilema. Após quatro anos morando no Canadá, meu coração me dizia para voltar, mas minha razão dizia para ficar.

Os orientais têm uma filosofia e estilo de vida que às vezes parecem tão mais leves e fáceis que os nossos.

Ele sabia que eu estava angustiada e me levou para dar uma volta pela cidade.

Lembro do vento frio que vinha no meu rosto, não estava nevando ainda, mas já era princípio de inverno. Eu olhava as luzes da cidade e os prédios que iam ficando pra trás enquanto fechava o vidro da janela e sentia o quentinho do ar interno e o banco esquentando.

Em um dado momento ele me perguntou: O que te prende aqui Daniela?

Neste momento estávamos passando pelo Stanley Park, um dos maiores parques da América do Norte e o maior parque urbano do Canadá.

Olhando as árvores passando e refletindo sobre a pergunta dele, respondi:

Aqui é mais seguro do que lá e tenho mais chance de trabalho como atriz. Estou mais perto de Hollywood, brinquei.

Mustafá era o nome dele. Era um jovem indiano que, se não me engano, estava ainda chegando aos 30. Ele iria se casar com uma moça iraniana que viu apenas uma vez na vida, quando os pais de ambos fizeram um rápido encontro onde ele pôde ficar 5 minutos conversando a sós com ela. A moça morava em Seattle, nos Estados Unidos. A cidade ficava próxima de Vancouver, a apenas algumas horas de carro. Eles se adicionaram no facebook e se veriam de novo para sair e escolher as alianças. Depois disso, se encontrariam apenas na festa de noivado e, então, no casamento.

Eu já estava na casa dos trinta e borrachinha, já tinha morado na caótica Rio de Janeiro, a cidade do Carpe Dien. Como diria Fernanda Abreu, a cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos. Também vivi na fria cidade de Milão, na Itália. E quando digo fria, não

falo só do tempo. Eu já tinha rodado vários lugares do mundo sozinha. Tinha muita bagagem nas costas. E não estou falando daquelas duas malas de 30 kg , uma mala de mão de 10kg e uma bolsa de 5kg que carregava de uma ponte aérea para outra sozinha não. Porém o Mustafá, com sua experiência de menino e a simplicidade da sabedoria indiana, me disse:

Daniela, se você tiver que morrer, você vai morrer aqui ou lá. Pode vir um desses malucos da Hastings e te atacar. Um parêntese, pra explicar a Hastings. Era a cracolândia de Vancouver. Uma avenida grande onde todos os dependentes químicos ficavam amontoados, com suas seringas e viagens. Muito embora, a polícia conhecesse cada um e os monitorasse de perto, portanto, em tese, não representavam tanto perigo, mas obviamente não era um lugar muito seguro para se estar sozinha ao entardecer.

E então ele começou a me contar uma história de um jovem que amava jogar futebol. Ele tinha um sonho de ser um grande jogador e estava até cotado para ir para um time de base quando sofreu um acidente, rompeu um ligamento que o deixou impossibilitado de jogar pra sempre. Eu esperava que a história tivesse um final daqueles que você diz “Uau!!!! Olha como são incríveis os caminhos de Deus”.

Então eu fiquei ouvindo com atenção e perguntei : “ E aí? O que aconteceu com ele?”

Ele disse: “Esse rapaz hoje não tem nada demais, trabalha com a família, ajuda as pessoas que precisam, vai se casar daqui a um mês e está conversando com você agora”.

Eu confesso que olhei pra ele e ri com um sorriso de quem pergunta: “ähm , e aí? Não entendi a moral da história.”

Ele então continuou: “Daniela, você tem um coração muito bom, você é um uma pessoa muito boa. Você já parou pra pensar que Deus pode não querer você em Holywood? Porque aquele lugar é cheio de escuridão e não tem nada a ver com você.”

Não me lembro de muito mais daquela noite, só sei que , naquele momento, a jovem sabedoria indiana do Mustafá, não tinha feito muito efeito em mim, mas a saída me distraiu um pouco.

Bom,voltando ao presente, semanas atrás eu gravei um podcast sobre o cristão e a cultura. Lembrei-me do momento em que voltei para o Brasil e como eu me senti realizada. Foram tantos trabalhos de sucesso feitos dentro e fora do país, tantas experiências pessoais e profissionais vividas e que poucas pessoas tiveram a oportunidade ou se permitiram viver. Em um trecho da entrevista eu relembro a minha trajetória e comento que trabalhei em teatro, cinema e TV, dentro e fora do país, passei por praticamente todas as emissoras de TV. Trabalhei com atores de Hollywood. Não cheguei a ser lá uma grande atriz de Hollywood, mas eu já me sentia tão realizada que decidi fazer somente trabalhos que fizessem sentido pra mim. Trabalhos em que eu sentisse que estaria fazendo a diferença na vida das pessoas. Pois bem, estamos quase chegando lá. Não me esqueci do que vim falar com vocês!

Há poucos dias, em uma roda de conversa em uma festa de família, fiquei sabendo do escândalo que está acontecendo em Los Angeles com o caso do tal rapper Diddy.

Mon Dieu!!!! Comecei a ver as notícias e logo os algoritmos das mídias sociais me inundaram de vídeos sobre o assunto. Parece que a coisa está feia por lá. Atores e apresentadores de peso, grandes nomes da música, políticos da alta cúpula, esportistas, celebridades de todas as vertentes estão envolvidos com tráfico humano, abuso sexual, corrupção de menores, assassinatos, falam em rituais de sacrifícios e atrocidades com crianças.

Parece coisa de filme Hollywoodiano mesmo, onde aquelas personalidades mais boazinhas, totalmente filantrópicas

e fora de qualquer suspeita são os grandes vilões da história, chocando todo mundo. Como já dizia Aristóteles, a arte imita a vida! Em meio a toda essa barbárie, uma das notícias que falavam sobre o advogado de acusação e das provas que ele tinha e de como grandes figurões deveriam estar tremendo, o título da matéria era “Hollywood vai cair”.

Essa frase ficou martelando na minha cabeça. Se Hollywood vai cair eu não sei, mas que a minha ficha daquela conversa com o Mustafá caiu, ah isso caiu!

Daniela, já pensou que Deus não te quer envolvida na sujeira de Hollywood? Já pensou que Deus pode estar te protegendo? Muitas artistas parecem ter sido dopadas e abusadas, drogadas e traficadas, filmadas e chantageadas.

Daniela, esse rapaz que teve interrompido o sonho de ser um grande jogador de futebol, é um homem feliz na simplicidade da vida. Ele tentava me dizer que ser um grande jogador de futebol, não era mais importante do que estar com sua família e curtir o caminho.

Um rapaz indiano me falou de Deus! Ou foi Deus quem falou comigo através da boca de um hinduísta?

Neste momento, volto lá no início desta conversa para desemaranhar todo esse novelo e alinhar os pontos deste bordado. Sim, vivemos um tempo apocalíptico. E, para responder onde está Deus nestes tempos, é quase como perguntar quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha!

O caso Diddy é só a ponta do Iceberg de tudo que existe de mau neste mundo. Questionar a existência de Deus porque vivemos tempos apocalípticos, é no mínimo contraditório. Pois se Ele mesmo nos avisou em seu último livro sobre tudo que aconteceria antes de sua vinda, podemos dizer em belo dito popular que para bom entendedor um pingo é letra.

Daquela primeira folha de papel amassada da qual restou somente o primeiro parágrafo que usei para começar essa coluna eu tiro: Sim, estamos vivendo o apocalipse! Mas, isso não é tão ruim, quando você sabe o fim da história. Da segunda posso tirar que Deus está sim em tudo, mas porque Ele É tudo. É o início e o fim, o alfa e o omega.

Deus estava naquele carro me dizendo, Daniela eu estou aqui te protegendo de Hollywood, você não pertence a este lugar sombrio.

O Mustafá, não era menos feliz por não ter sido um jogador de futebol. Ele entendeu, bem mais que eu, sobre a importância de desfrutar do caminho. Ele sabia onde estava Deus.

Deus está aqui agora te dizendo: “ei, leitor, presta atenção! EU estou lá na frente! Eu enxergo mais longe. Eu ouço conversas que você não ouve.”

O que Deus está te dizendo hoje que você não está ouvindo?

Porque Ele está aí te dizendo sim, te dizendo não e te dizendo para esperar mais um pouco.

Se o Apocalipse começou a acontecer não é de hoje, e se Deus está em todo lugar, nossas conclusões devem ser mais lógicas como: Ele enxerga mais longe, portanto sabe de tudo, então.....

todos os males cooperam para o bem daqueles que O amam.

E por fim, se absolutamente todos os males que Ele avisou que aconteceriam estão acontecendo, logo, muito em breve poderemos vê-lo face a face.

Onde está Deus enquanto tantos males existem? Eu responderia, na verdade...

Onde estou eu enquanto Deus existe?



Daniela Savassi é atriz, apresentadora, jornalista, escritora, produtora, maquiadora, dubladora, mestre em thetahealing e empreendedora
actress@danielasavassi.com



O EMBLEMA VERMELHO DA CORAGEM

Jorge F. Isah

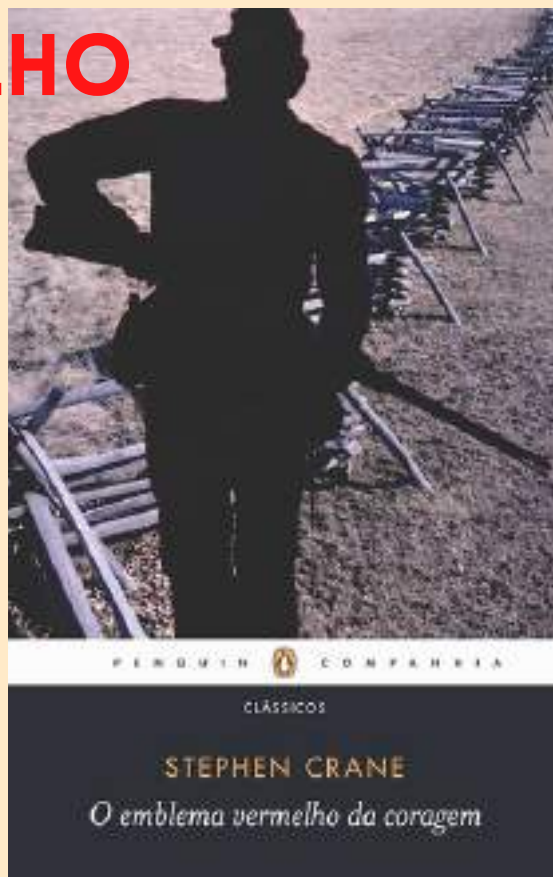
Li, há alguns meses, outro livro sobre guerras: “Nada de novo no front”, do Remarque; então, me aventurei a este, do Crane, autor completamente desconhecido para mim, e com o qual me deparei em meio às sugestões do Kindle, tendo em vista o padrão das minhas leituras. Normalmente, tenho uma “lista” de obras a serem examinadas, e, vez ou outra, algo se “intromete” e me toma a curiosidade, favorecendo-o ao invés do próximo tomo.

Primeiro, veio o aguçar do interesse pelo título, não raro me vejo ceder a esse estímulo. Segundo, ao saber que se tratava de um romance sobre a Guerra Civil Americana, a atenção redobrou. Como estava a ler “Os Demônios”, envolvido pela narrativa magnética de Dostoiévski, resolvi concluí-la e somente depois enveredar-me em Crane.

Antes de concluir o livro, não li nada sobre ele ou o autor, não tinha qualquer referência ou parâmetro; e assim faço com obras desconhecidas e mesmo a de autores já conhecidos, para não carregar uma lida partidária ou guiada. Interessante que a maioria dos “couchs literários” defendem exatamente o contrário, como se o leitor fosse incapaz de reconhecer o terreno onde pisa, mesmo se apalpando. Apenas depois de ler, no geral dois a três dias, aventurei-me ao prólogo, prefácio, posfácio e notas complementares, caso existam.

Surpreendi-me com a maturidade da escrita de Crane quando concebeu e desenvolveu a obra, aos 24 anos. Não teve muito tempo para mais, pois faleceu aos 29 anos. Todavia, apesar de haver gênios em várias artes a começarem cedo, raramente se depara com uma escrita ao mesmo tempo concisa e profunda.

Nele temos a história do anti-herói que posteriormente se descobre herói, por acaso, diga-se, reconhecido por colegas e superiores. Ela não é complexa, hermética, sinuosa, muito menos falsa. Henri Fleming é o protagonista, a despeito de se poder assegurar serem os combates personagens não menos importantes. Ele é um jovem, na casa dos 20 anos, um matuto da roça, que ajuda a mãe no trabalho intenso e rigoroso do campo. Sonha em alistar-se e ir para o front combater os dissidentes sulistas, opositores ao governo republicano de Abraham Lincoln e dispostos a dividirem a América em duas.



Fleming é um sonhador, ingênuo, a se imaginar enfrentando os inimigos, destruindo-os e a voltar com a pompa de herói. A mãe não comunga com os seus ideais, e teme pelo filho e pelo próprio futuro sem ele. Henry, contudo, não tira da cabeça o desejo de vestir o uniforme da União; e temos o primeiro conflito de visões: a mãe realista e temerosa, o filho sonhador e confiante na glória.

Crane não imprime qualquer viés romântico, patriótico, ou transforma os jovens em super-homens. A narrativa é sobretudo pragmática e objetiva, muito mais envolta em dúvidas, trapalhadas e golpes fortuitos da sorte do que em um planejamento detalhado e logístico. As batalhas se davam muito mais pelas exigências da guerra do que propriamente por estratégias militares. Muitas vezes era tão somente ímpeto cego, de um lado e do outro. Talvez, por isso, não haja tantos personagens marcantes além do próprio Henry e os embates. Muitos surgem e perdem-se, para quase sempre não serem mais lembrados.

Isso leva Fleming, e o leitor, a perceber o quão prosaica é a figura do soldado: não passa de número, um grão de areia na praia que ninguém vê ou sabe existir. Havia apenas o batalhão entre outros batalhões, um soldado entre milhares de outros, e a morte era o detalhe final a torná-los dispensáveis e incógnitos.

Depois do treinamento e meses acampados, partem para o front, e Henry não sabe se terá coragem de lutar. Não raro, durante boa parte da narrativa, esta é a suspeita a atormentar e a levá-lo

quase sempre a hesitação e pensamentos de deserção. A guerra é brutal, e o sangue (o emblema vermelho) é muito mais produto das fraquezas do que da coragem. Ela é praticamente o desespero, a negativa da razão, prudência e bondade. É o clímax da agonia e desilusão. O homem é, via de regra, uma fantasmagoria do projeto divino, eivado em seu intelecto, sentimento, razão e emoções pelo pecado. A queda da qual não pode resistir, a não ser pelos efeitos benéficos e libertadores de Cristo. E se há esperança, ela reside integralmente nele.

Crane, em momento algum, evoca essa máxima, empenhado em desnudar o ufanismo, os defensores de uma causa perdida, mesmo na vitória. Em guerras, somente os que dela não participaram são os vencedores, a despeito da pecha de covarde e poltrão, pois a morte e a destruição parecem dominar os corações mais do que qualquer outro pretexto a encobrir os reais impulsos. Se não se mata, morre; e mata-se para morrer, e morre-se para matar, de algum jeito, em cada resquício de humanidade a sobreviver pelo imago dei. A vida se torna em mero detalhe, muito menor do que a ruidosa barafunda de brados, gemidos, tiros e lâminas cortando o ar... e o silêncio profundo dos corpos estirados ou mutilados no chão. Para sobreviver é necessário outros sucumbirem ao perigo, e alguém a contar essa história.

A realidade, entretanto, é de não haver vitória, nem mesmo aos não integrantes, pois as consequências de atos tão vis e malignos lançam seus venenos sobre o mais inocente, ermo e esquecido cidadão.

isso é um fato. Há, porém, outro fato: os afetados mas não dispostos a povoar o front com crueza e ódio, não os geraram, ou foram causa: sofreram os efeitos, sem colaborar para eles. Alguém pode dizer:

mas foi a covardia que os condenou. Será, cara-pálida? Ao decidirem pela vida, que culpa têm na morte? E se morreram, não participaram do “jogo”, logo, não existe autoria. Ela se restringe aos que mataram, e havia somente eles, seja nos planos, interesses ou execução. Jamais de quem se opôs à beligerância. Guardadas as devidas proporções, é como o indivíduo que ao explodir a casa do inimigo atinge também a do vizinho, talvez um amigo. Ele foi apanhado pela contingência das decisões e sucedidos; e se todos agissem assim, não haveria mortos e feridos, destruição e ruína... Seria sonhar demais, e esta pode ser uma discussão melhor desenvolvida em outro lugar e momento.

Por hora, faço a seguinte distinção: “Nada de novo no front” é um líbero pacifista, em que a guerra se revela brutal, cruel e deliberadamente injusta. Remarque está mais empenhado em enunciar a imoralidade dos conflitos. Em “O emblema vermelho da coragem”, Crane, em meio à fraqueza dos partícipes, quer destruir o nacionalismo e a ideia de uma pátria de cada um e, por conseguinte, de todos. Mas ela é na verdade de poucos, e o homem comum é um pião solto em meio a tantos obstáculos que, mesmo rodando, não ficará muito tempo em pé. Nada mais absurdo e mais natural. Afinal, os homens se unem e se amontoam, na maioria das vezes, para destruir e reconstruir o que não devia ser destruído.

Em ambos, é o grito do homem dentro homem, quase inaudível ao próprio homem.

Avaliação: (****)

Título: O Emblema Vermelho da Coragem

Autor: Stephen Crane

Editora: Penguin-Companhia

Páginas: 216



UM ESCRITOR É FEITO DOS LIVROS QUE O LIVRARAM

Sammis Reachers

Não é lá muito simples, para um sujeito de livros, falar de quais deles o influenciaram. Muitas vezes nem foram os melhores em termos literários, mas simplesmente um livro certo num lugar e tempo (numa idade) certos.

Encontros ou escaramuças, desencantos e, permita-me o termo, hiperencantos vários...

A crônica precisa prosseguir, e o tema, embora difícil, tem pano para muitas mangas. Apanhemos, pois, nossa trouxa e aventuremo-nos como em A Ilha de Tesouro, do mestre iniciático meu e dos meninos de cinco continentes, Robert Luis Stevenson.

Sobreviventes do naufrágio do navio pirata, aportemos naquela costa fria, a inglesa, e tomemos contato com os extremos perturbadores do amor, narrados por uma das irmãs Brönte n'OMorro dos Ventos Uivantes, pesadelo do qual o menino escapou, não sem dolo – apenas para, tempos depois, cair no pesadelo de uma outra inglesa. Mas, não nos apressemos, amigo leitor; temos todo o domingo pela frente.

Um ou dois anos depois, já na cidade grande, Mario Puzo e seu O Poderoso Chefão, chão dos sebos e lugar-comum de seu gênero, introduziu de facto o garoto no universo romanesco, mesmo que de linearidades, levando-o a compreender a prosa como o encontro de saídas, contra a poesia como o encontro de imagens – percepção basilar que cimentaria as fundações do futuro operário da palavra gonçalense.

A descoberta de Borges (Ficções) certamente foi perturbadora: a Literatura poderia ser então elevada à coisa mais magnífica na Terra, pelas mãos logo de um cego argentino, um falso inglês? Os temas, o mistério, o rigor narrativo, o realismo fantástico, as toneladas não arbitrarias de referências à toda a cultura/história humana, realmente tiveram um poder de ritual iniciático: Era aquilo o que eu deveria fazer, era ali que eu queria estar para sempre.

Roteiro para um passeio ao inferno, da inglesa Doris Lessing (posteriormente laureada com o Nobel, o mesmo que negaram a Borges), mostrou-me que a literatura pode ir além, a-

travessar sem medo o absurdo, o pesadelo e a hiperfragmentariedade - não havia limites, e ela o provava.

Lágrimas simplórias, sim, em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, mas fundadoras de engajamento, pois como Cristo, a literatura precisa estar do lado dos despedaçados – única maneira de não se extinguir no próprio espetáculo de futilidades que ela tanto aprecia ser.

O evento ou universo-Pessoa, a heteronímia plena e pânica, poesia máxima de nossa língua opulenta, outro abismar-me nas muitas idades e encontros.

Na primeira adolescência, Zaratustra de Nietzsche, praticamente incompreensível, mas que modulou a voz do poeta nascente.

Na mesma idade-tiroteio que é a adolescência, os Campos (as matas, o Augusto e o Haroldo), Pignatari, o primeiro e o último Gullar: O Concretismo e suas mirabolantes ramificações malabares.

Ao fim do ciclo, no ano primeiro do Ensino Médio, garoto estudando à noite entre adultos, um conto de Ignácio de Loyola Brandão, fulcrado da aleatoriedade de um livro didático, decidiu a

partida.

E sabe lá Deus quantos tomos mais, de tacanha ou sobeja paginação. Eu prossegui, homem no que é humano, mesmerizado e sem fixar-me na memorização, apenas fruindo a fruição re/des/constri/tu/tora que a Literatura é, desde aquela primeira, sobre uma caçada ou um combate, narrada pelo ancestral – ainda manchado de sangue ou de sonho – à beira duma fogueira.

São listagens sempre temerárias, amplas ou modestas demais, injustiças sempre cometidas. Talvez aquele livro principal não tenha deixado recordação alguma e, surdo, ainda repercute aqui, e em tudo o mais que eu escreva. Quem saberá? Não há limite para o fazer livros, assevera o escritor bíblico do *Eclesiastes*; logo, não há limite para quantos livros ler. Cabe a cada leitor, regular ou esporádico, definir o quanto irá viajar neste mais barato e encantador dos veículos já engendrados pelo gênio humano.

Como consegui noutra oportunidade sintetizar, espero que com algum sucesso, o livro é uma ferramenta a um tempo prática e mítica: Porta para os mundos possíveis, portal para os impossíveis.

A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO
Shopping 5ª Avenida
RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 208 SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1190
TELEFONE (31) 3226.3312 | WHATSAPP (31) 984831829





REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

Recentemente, o S.T.F ordenou à Polícia Federal que investigue cerca de 20 milhões de brasileiros por acessarem a rede “X” que foi banida do país. A multa inicial por desacato ao mando da “suprema” corte é de 50 mil reais. De minha parte, sou avesso às redes sociais, mas deu vontade de espiar o antigo Twitter, só para ver como é ter uma dívida de 50k. As minhas, ultimamente, se resumem às parcelas de um Nokia C01 Plus, 6 pares de meias e 2 cuecas. Provavelmente, essas coisas não podem ser usadas na cadeia. Então, achei prudente não instalar o aplicativo, a menos que o Musk me garantisse, por escrito, quitar o débito no meu lugar e me presentasse com um Tesla.

A política tem sido um campo minado, ainda mais durante as eleições. É possível que você, daqui a algum tempo, não precise mais votar, pois o algoritmo das urnas já “profetizará”, como um oráculo, em qual candidato votaria. Se o S.T.E já se considera onipotente e onipresente, em breve também será onisciente, e o seu Título de Eleitor será um mero detalhe, e achará um sarcófago empoeirado e silencioso para as exéquias. O eleitor terá a certeza do seu voto estar em melhores garras... ops!, mãos, e poderá voltar ao futebol, cerveja, pornografia e aquela jogatina na bet.

Um caso inusitado aconteceu no Rio: uma candidata a vereadora, negra e bolsonarista, entre tantas alcunhas esdrúxulas acompanhadas de números e fotos não menos bisonhos, decidiu se autodenominar “A Negona do Bolsonaro”. Uma chuva de protestos cercou-a por todos os lados, e ela se tornou alvo de críticas em debates televisivos e radiofônicos, sem contar os shorts web afora. Tudo porque, segundo os sommeliers da vida alheia e da “verdade”, ela se utilizou de um artifício “racista” para designar-se a si mesma. Isso mesmo! Você não está louco, pois louco são eles. Segundo o politicamente correto ela deveria ser autuada em flagrante, sem direito a fiança, e amargar décadas na cadeia, como certas velhinhas do 08 de janeiro, por cometer crime ao inferiorizar-se e estabelecer a superioridade de outras etnias, ao assumir pejorativamente o referido apelido e ser preconceituosa consigo mesma.

Não sei você, caro leitor, mas diante de epítetos como: “Beijoca da Bahia”, “Soneca do paredão”, “Orlando Cannabis”, “A loira do salão”, “Engraxate das estrelas”, “Ajude-me por favor”, “Receba na caixa dos peitos” “100miseria”, “Rosivaldo já morreu”, “Alaide obrigada de nada”, “Leninha delcinha”, “Pouca roupa”, “Pretinho my God”, entre outros menos votados (nada a ver com a urna), não entendo a implicância com a Negona, que não pôde utilizar o nome pelo qual é amplamente conhecida, e acabou por pulverizar-lhe os votos, já que praticamente ninguém a conhece como Vanessa Silva.

E viva a democracia!



coluna do

ClodoKill

Fernandes

O PAÍS PRETÉRITO E SEM FUTURO

Tem coisas que somente os brasileiros fazem, dizem por aí. Existem hábitos (para alguns, manias) típicos e quase exclusivos nossos, tupiniquins. Um deles, e talvez o mais difícil de se entender, é o de comer pizza com talheres.

Normalmente, mundo afora, come-se essa iguaria com as próprias mãos, aos moldes alimentares dos nossos queridos “hermanos” silvícolas. Para os “gringos” é abominável degustar tão saboroso (e gorduroso) alimento sem apalpá-lo, afagá-lo e apertá-lo entre os dedos.

Chega a ser um fetiche. De nossa parte, esse negócio de comer pizza com as mãos deveria ser proibido e constar no código penal, com sentenças de 15 a 20 anos de prisão, sem direito a fiança e atenuação de pena. Deveria incluir trabalhos forçados; mas isso é sonhar demais, né!

Onde já se viu comer com as mãos? Ainda mais pizza? Já imaginou quantos micróbios e bactérias poderíamos ingerir?... E, depois, são esses “selvagens” a obrigar-nos ao uso de máscaras. Gente sem noção...

Outro particular, é a existência de cesto de lixo nos banheiros. Lá fora, eles simplesmente jogam no vaso sanitário o papel higiênico junto com os seus dejetos. Parece lógico, já que conservar restos fecais em cestinhos não tem nada de civilizatório e higiênico. Seria o mesmo que manter o seu Título de Eleitor em um cofre forte enquanto espalha dinheiro e joias pelas mesas e cômodas da casa. Dizem que as eleições, mais do que um dever é um direito. Ah, se fosse assim, veríamos filas semanas adentro, verdadeiros acampamentos, nos portões das seções eleitorais. Mas essa atitude é típica dos fãs de estrelas do rock, dos consumidores loucos por promoções, ou dos psicóticos usuários de iPhone. Ninguém monta barraca, literalmente, traz travesseiro, cobertor, cadeira de praia, garrafa térmica e biscoito amanteigado para votar. Nada mais justo do que abolir os cestinhos dos banheiros e qualquer esperança nos eleitores.

Brasileiro gosta de banho. Ao contrário de boa parte do mundo, é costume nacional lavar-se diariamente. Há aqueles que não se limitam a um, mas tomam dois ou três. E veem depois falar em ecologia. Querem prender a senhorinha que esfrega o passeio uma vez por semana, e o moleque que lava o carro quinzenalmente. Mas aqueles intermináveis 40 minutos de ducha, três vezes por dia, não causam qualquer impacto na natureza. É o típico cara a tirar o cisco do olho alheio enquanto mantém a trave no seu.

Aqui as coisas são tão estranhas que se criou o termostato de chuveiro, para impedir o excesso de tempo entre um enxague nos cabelos e outro nos pelos pubianos.

Essa mania se espalha a quase tudo, até mesmo nos altos escalões. Houve um tempo, não muito distante, onde se criou a “Operação Lava-Jato”, cujos efeitos foram tão rápidos e inócuos (graças a artifícios interpretativos de certa Corte) que todos os “sujões” estão a emporcalhar o país de novo. Nem uma fonte de água sanitária molhando-os ininterruptamente daria cabo desta bodega. Ou seja, não adiantam banhos, pois jamais seremos devidamente “limpinhos”.

Talvez, por sermos tão “sui generis”, o mundo desconhece que “hablamos” português, e acreditam piamente que o Brasil é um país de língua espanhola. Não sei o que os lusitanos esperam e fariam mas, se fosse eu, ficaria quietinho e deixaria toda a culpa para os hispanos.

Se você conhece outra mania, e quer “expô-la” publicamente, mande-nos o seu e-mail com a sugestão, e um PIX para a conta do editor.



A IMERSÃO DESPERTAR, ministrada por Daniela Savassi e Fabiana Rocha já está em sua 4ª edição, transformando dezenas de vidas. É um evento presencial e terá edição especial de final de ano no dia 9 de Novembro. As vagas são limitadas e a inscrição pode ser feita pelo whatsapp (31) 9123-7687

QUEM É ESSA TAL BET?

Eu devia estar dormindo quando aconteceu esse escândalo envolvendo uma obscura advogada, ex-BBB e agora Influenciadora Digital, Deolane Bezerra (que parece ter parentesco com uma vaca), que foi presa, mas depois soltaram, prenderam de novo e soltaram mais uma vez, e agora é a vez do cantor sertanejo Gustavo Lima, que teve um mandado de prisão expedido, depois foi revogado, expediram de novo, ele viajou para o exterior, voltou, viajou mais uma vez, e a polícia nem sabe mais o que faz, pois até então só sabia prender gente por crime de opinião, e essa confusão toda é por culpa dessa tal de BET, que até então eu não havia ouvido falar.

Uma verdadeira organização mafiosa está sendo responsabilizada pela manipulação de resultados de jogos e lavagem de dinheiro, mas essas mesmas coisas já se falavam há décadas, com relação às loterias oficiais, onde muita gente famosa chegava a ser sorteada mais de 200 vezes sem que ninguém apurasse absolutamente nada.

O mais incrível é que esse pessoal das BET's compra carros de 4 milhões, ou até mais, e dá de presente para o filho, para a irmã, para o amante, para a comadre da madrinha, compram até avião para combinar com o sapato, do mesmo jeito que eu compro churros no carrinho do Gérson, que fica na esquina lá de casa, e ninguém desconfia que está entrando e saindo grana fácil demais. Do jeito que as coisas são, o próximo passo dessa dupla de mãe e filha é partir para a carreira política, mas nesse métier serão considerados peixes pequenos, no meio de tantos tubarões.

Mas o que significa essa tal de BET? São jogos on-line, considerados "de azar", pois se fossem coisa boa seriam chamados "jogos de sorte". É por isso que nem rifa de pré-escolar eu compro, nem precisa tentar me vender.

Esses jogos viram uma febre na internet, mas já devo estar vacinado contra isso, pois não sinto a mínima atração. Certa vez, fui em um cassino, mas não tive a mínima vontade de apostar, pois achava aquelas máquinas cheias de luzes muito bregas, além de nunca ter gostado de jogos de dados e carteados. Arrisco, no máximo, uma "purrinha" ou "par ou ímpar", mas sem valer dinheiro.

O velho e a praia

ParTe VIII

Jorge F. Isah

As grades das portas estavam aferrolhadas havia três dias. Desde que fora, no domingo, à igreja. O sol, a garoa, os pássaros eram avistados das janelas, e apenas o som dos autos e conversas espaçadas nas calçadas adentravam o ambiente. Quase nunca havia silêncio absoluto. Se não era o motor de um carro, era o piar de bem-te-vis, vissiás, quero-queros, sabiás e, vez ou outra, papagaios. Sem contar as lavadeiras ou viuvinhas, um passarinho pequeno, delicado e sempre a chamar a atenção. Antenor gastava horas observando-os, quase sempre solitários ou em duplas. Ficavam boa parte do tempo no chão, à cata de guloseimas, e os voos graci-

osos aconteciam mediante alguma ameaça. Vistosos e serenos, não eram notados pela maioria das pessoas, a considerá-los pardais ou rolinhas; não raro podia-se ouvir alguém dizer: “Que rolinha mais linda!”, para depois esquecer e sequer se dar conta da confusão. Se para as pessoas valia a máxima: mata o homem, mas não troca o nome, o mesmo deveria valer para os animais. Na dúvida... Mas, infelizmente, boa parte não a tinha, pelo contrário, estavam convictos da lavadeira ser rolinha, e a rolinha, lavadeira. O tempo em que o silêncio, mais do que as conjecturas, deveria sustentar a paciência ao invés dela se subjugar às agitações das sinapses es-

coorregadias. A mulher viajara à antiga cidade para visitar os parentes que acabaram de partir, havia pouco mais de um mês, de volta à origem, depois de passarem uma semana na praia. Ele tentava compreender, a todo custo, aquela necessidade, o apego forçoso de se congregar, mas não entendia. Lurdinha conversava duas, três ou mais vezes por dia com eles. Repetiam sempre as mesmas histórias, as mesmas inquietações, as sucessivas etapas de algo importante, ou irrisório, as vezes a se estender por capítulos e mais capítulos, como uma novela sem desfecho, onde os eventos corriqueiros ou as preocupações diárias e frequentes se sucediam exaustivas, e nunca estavam elucidadas. Havia, ao ver de Antenor, uma premência, angustiante e imediata, de se conectarem, mesmo a distância, e assim preencherem uma carência inexplicável, psicossomática, de vincularem-se nas menores coisas, como se pudessem sustentar um ao outro, sem esforço, enquanto amontoavam pilhas de palavras e agrados, fileiras e contêineres inteiros, repletos até o teto, onde era bem provável se perderem, ao invés de se acharem; importava mais saber estarem ali, estivesse onde estivesse, se a alguns passos ou milhares de quilômetros, nada os satisfaria tanto quanto sentir a presença, seja no calor da voz ou no sussurro dos abraços... Não uma, duas ou três vezes presenciou disputas meio sem pé nem cabeça, a maioria regada a álcool, e no auge do pileque, entre ofensas, gritos e desabafos, não de todos, mas alguns, quando tudo configurava-se perdido,

se abraçavam, choravam, alentavam-se, e diziam, num afinado armistício:

— Eu te amo!

— Também te amo!

— Me perdoe!

— Me perdoe, também!

Em seguida, após enxugar as lágrimas e no serenar das emoções, riam, davam tapinhas nos rostos uns dos outros, nas costas, ofereciam outro copo, um petisco, e sentavam-se à mesa para jogar cartas como se nada houvesse acontecido. Contudo, se necessário, nova rodada de abalos, comoções e impulsos despontariam, as mesmas cenas se repetiriam, e a trégua se estabeleceria novamente, e novamente, e de novo...

Com isso, caro leitor, não estou a dizer, maliciosamente, serem hipócritas ou dissimulados, não. Era muito mais algo orgânico, da natureza deles, e se as disputas eram sinceras, os remorsos também, assim como a espontaneidade e conciliação. Evidente haver, aqui e ali, um e outro menos genuíno, um e outro mais franco, mas o honesto envolvimento era a marca a distingui-los da maioria das famílias; seja para o bem ou para o mal, estariam unidos, e nada seria capaz de estorvar-lhes o convívio e intimidade. A disposição à reconciliação era algo notória assim como indignarem-se. No caos e guerra estavam juntos. Na festividade e harmonia, estavam juntos. Seja em qualquer situação, estariam juntos. E aos olhos atentos percebia-se a impossibilidade de divisão. Entre eles, era momentânea e circunstancial, jamais definitiva, jamais devoradora, capaz de conquistá-los. Chegava a ser cômico, insólito, mas também admirável, quase encantador.



Por outro lado, Antenor, desde a mudança não mantivera contato com a parentela. No início, houve algumas ligações para tratar de assuntos pendentes, deixados para trás, e saber como estavam se virando na praia, provavelmente mais por curiosidade do que devoção; até o ponto em que, passados meses, não mais se falaram, a não ser para noticiar a morte de um tio, um vizinho, velho amigo dos seus pais... e uma conta de luz atrasada. Antenor pediu o código, pagou a conta, e enviou o recibo, para o caso de um funcionário da companhia de energia realizar o corte. Não havia brigas nem reconciliações. Não havia choro nem abraço. Não havia ataques nem desculpas. A distância, mesmo quando estavam próximos, não significava nada além de uns metros a mais ou a menos, um espaço a ser puxado ou repelido. O cômputo, agora, era de quilômetros, e mesmo assim não havia saudade ou inquietação com a lonjura; havia tão somente a separação, e a indiferença proporcional ao caminho lúgubre e desestimulado,

os pontos extremos onde cada um se sentia aliviado e seguro.

Abriu a grade da porta principal, recolheu o lixo e dirigiu-se ao portão. Não era estranho que, quando Lurdinha não estava, não houvesse estímulo a sair, uma fração mínima de tempo, para respirar o ar puro, sentir no corpo os raios de sol, o vento a mover o restante dos cabelos, enquanto os cães ladravam enlouquecidos, as makitas cortavam exasperadas, martelos, pás, brocas e ponteiros cavavam o concreto, madeira, aço e a pedra; e todas elas, juntas ou isoladas, sistemáticas ou intermitentes, perfuravam os tímpanos e neurônios? Por que uma escapada era-lhe tão custoso, ao ponto de se sujeitar à orgia de sons sem revide ou queixa?

Um beija-flor aproximou-se, tão pequeno, rápido e ainda assim sereno, refinado. De beleza sofisticada, notável, não mais do que 10 centímetros e alcançando 100 quilômetros de velocidade. Estático, não se moveu. Não queria afugentar o pequenino, enquanto ele, asas buliçosas, apenas se exibia, sem nada próximo a cativá-lo. Sequer podia ouvir o movimento lépido das asas, quanto mais vê-las moverem-se. De repente, tomou a direção contrária, e num átimo não era mais visto. Aquilo moveu-se em Antenor. E pôde ver como as coisas simples, das mais corriqueiras, estavam impregnadas de magia e assombro, bastava olhos para ver, ouvidos para ouvir, mesmo na escuridão e silêncio.

Que a roda continuasse a girar. E não fosse ele a travá-la.



Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com". jorgefisah@gmail.com

A MORTA previsível



um conto de **MICHEL SALOMÃO**

Todos sabiam que ela morreria em breve. Estava desenganada. Era questão de tempo. Afinal, havia abusado do cigarro e da bebida, experimentou toda espécie de droga natural ou sintética, participou de um ritual do Santo Daime, quando ficou perdida por três dias na floresta e depois encontrada pelos funcionários de uma ONG, abraçada a uma árvore, falando um dialeto desconhecido. Conheceu a novidade de Timothy Leary antes que fosse apresentada aos Beatles e compartilhou pessoalmente os resultados das experiências alucinógenas do Peiote com Carlos Castañeda.

Algumas pessoas morrem mais cedo, outras, mais tarde, mas nunca de véspera, como disse o padre Milton em sua pregação entediada, minutos antes de levarem o caixão, talvez na tentativa de consolar os parentes e amigos, mas ninguém levava a sério as suas elucubrações, principalmente depois que foi flagrado em suas incursões noturnas na casa da Iraíde, morena voluptuosa que morava na beira do rio, o que

teria representado um alívio geral, pois não foi com algum dos meninos do bairro, da forma como ocorrera com os párocos anteriores.

Não foi vertida uma única lágrima, nem mesmo da beata Marluce, que se preparava para a cerimônia como se fosse para uma festa, sempre que havia um velório, e chorava para os parentes mais distantes e até mesmo para desconhecidos. Aproveitava para comer salgadinhos, café ou sucos que as pessoas sempre traziam e deixavam na antessala, mas aquela cena estava prevista para acontecer há muitas décadas, e ninguém poderia imaginar que a morta chegaria aos 79 anos.

Estava tão debilitada, pesando algo em torno de 36 quilos, que caberia em uma caixa de sapato, assim como aconteceu com Úrsula Iguarán, da fabulosa obra de Gabriel García Márquez, do qual era uma fã incondicional, e colecionava todas as suas publicações, com algumas edições em Espanhol, encontradas em sebos no Brasil e

no exterior, mas preferia aquelas ilustradas pelo brasileiro Caribé.

Porém, ela não abusou apenas do que podia ser ingerido, cheirado ou injetado, mas também do amor, e foram incontáveis as vezes que se decepcionou com aquele moreno alto que viria como o valete de espadas, logo depois do rei de ouros e do valete de copas e se enchia de esperanças a cada novo flerte no Bar Espelunca, onde possuía uma mesa cativa e sempre terminava a noite com conversas inteligentes com Jardel, a bicha virgem que tinha vindo de Barcelona em busca de um amor não correspondido, Ramón, o rapaz pertencente a uma família tradicional que, temendo a pressão da ancestridade conservadora, acabou se casando e tendo quatro filhos, mas se vestia de mulher sempre que ficava sozinho em casa.

Ela teria trocado toda essa bagagem de conhecimentos adquiridos em viagens pelo mundo, em conversas com artistas lunáticos e intelectuais fleumáticos, preferindo ter sido uma simples dona de casa, mãe de um casal de catarrentos, cuidando do marido mecânico de automóveis, preparando a sopa de legumes com pão fresquinho ao final da tarde, lavando e passando as roupas da família, para todas as manhãs colocar um banquinho na calçada para conversar com as vizinhas, se inteirando das novidades das alcovas, mas quis o destino que não fosse assim.

Muitos disseram que aproveitou tudo o que a vida poderia lhe oferecer, outros condenaram os vacilos que poderia ter evitado, mas o que ninguém seria capaz de imaginar é que havia acumulado uma boa quantia de dinheiro ao longo da vida, pois levava uma existência modesta, apesar das viagens, que dizia pagar em suaves parcelas, mas economizava

ligava para roupas, não tinha carro e adotava em sua casa o estilo minimalista: basicamente, possuía a sua cama de solteira encostada na parede, um criado, algumas araras para pendurar as roupas, um grande baú herdado de sua avó, um sofá velho na sala, poucos armários na cozinha, apenas isso.

Um tabelião chegou ao local, minutos antes de iniciarem o cortejo, procurando por parentes que a falecida havia listado, a maioria sobrinhos, pois as irmãs, Vera e Hilda, haviam morrido muito antes, mesmo não possuindo qualquer vício, se acaso o vício em remédios alopáticos não for considerado assim, pois mantinham nas cabeceiras de suas camas uma caixa cheia de divisões contendo cápsulas coloridas que ingeriam com satisfação, umas com água, outras com leite e ainda outras com suco de uva, e serviam para soltar o intestino ou para prender, para pressão baixa, ou para pressão alta, para dormir ou para acordar. O médico da família declarou que teriam vivido até os 90 anos, ou mais, se não tomassem tantos remédios, mas não conseguiram passar dos 60.

O dinheiro e os bens, que consistiam na casa em que morava, cinco lotes bem localizados em áreas nobres da cidade, uma grande variedade de joias que estavam guardadas em gavetas alugadas no cofre de um banco, além de um saldo em aplicações que daria para sustentar duas ou mais gerações, ficariam para seus 5 sobrinhos, todos vagabundos.



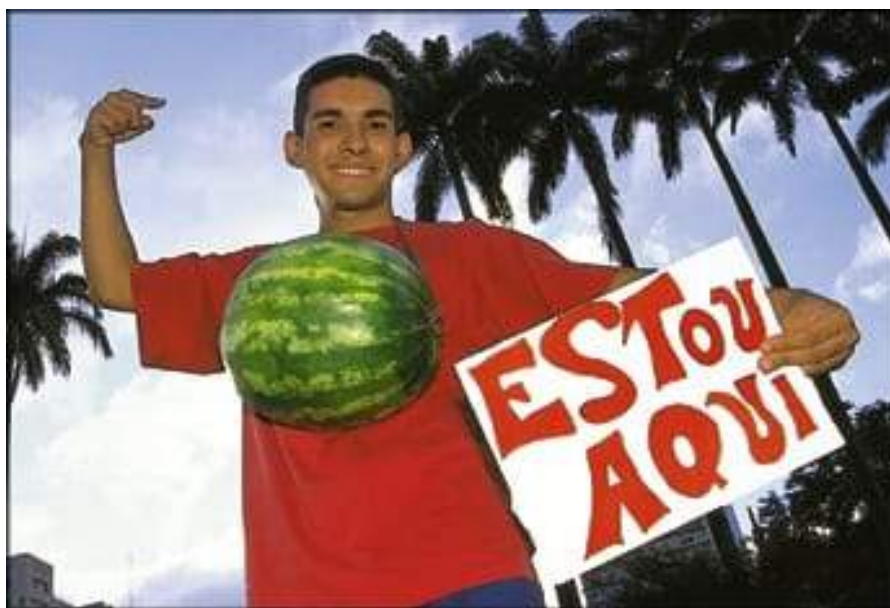
Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral, videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com

A

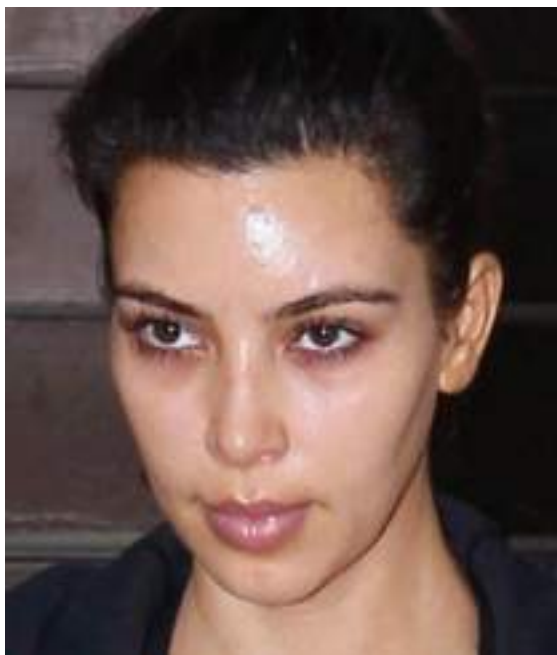
A

A

autor anônimo



"Quer aparecer? Então pendure uma melancia no pescoço". Era assim que, no passado, a gente falava para aquelas pessoas mais "exibidas", e não me lembro de uma só que tenha precisado utilizar esse exótico aparato, depois dessa "dura", pois se sentiam envergonhadas e, dali em diante, procuravam ser mais discretas. Afinal, eram tempos da Ditadura Militar, e todos tinham que "andar na linha", ou podiam ser "enquadradas". Bem diferente de hoje, apesar de também vivemos uma ditadura, mas parece que as pessoas perderam a vergonha na cara. Fazem de tudo para conquistar os quinze minutos da fama anunciados por Andy Warhol. Só que algumas, inacreditavelmente, conseguem bem mais do que isso, e se mantêm em evidência de uma forma inexplicável.



Vejam o exemplo da "socialite" Kim Kardashian (abaixo, à esquerda): quem é ela? Fez fama e sucesso (e muito dinheiro) por conta de um vídeo íntimo propositalmente vazado por ela mesma, em que aparecia com um afrodescendente do tipo avantajado, utilizando todas as posições do Kama Sutra, e a repercussão foi tão grande que resolveu dar as dicas para a sua amiga Paris Hilton fazer a mesma coisa, mas com essa não deu tão certo.



Gretchen(foto acima) é uma personalidade que está na mídia há décadas, sem que tenha conseguido demonstrar uma mínima dose de talento, mas acabou emplacando os hits "Conga La Conga", "Piri-piri-piri" e "Freak le Boom Boom", enquanto realizava a sua mes-

míssima e manjadíssima “dança do bumbum”. Participou de filmes pornográficos, de programas de jurados, de reality shows, e depois de centenas de casamentos e harmonizações faciais, hoje faz cover do personagem “Fofão” em festas de Halloween.



E quem se lembra de Manoel Gomes (ao lado), da “Caneta azul, azul caneta”? Em sua mente genial, descobriu que caneta rima com... caneta. E sua música bombou. É claro que as pessoas se divertiam com sua figura ridícula, mas é esse tipo de gente que incentiva milhares de outras a trilharem o mesmo caminho, planejando imbecilidades na frente das câmeras de seus smartphones, e teve até integrantes desta revista que também tentaram, mas se deram mal.

Quem explica o “fenômeno” Luva de Pedreiro? O cara (ao lado) foi filmado fazendo uns golzinhos porcaria e depois levantava uma das mãos para o céu (a outra ficava escondida nas costas), e aí alguém achou bonitinho, postou na Rede e hoje ele anda de carro importado, comprou um casão e papou umas mulheres oportunistas. Mas como se sustenta, sem qualquer conteúdo?



As pessoas correm atrás da fama, mas se esquecem de que existe a “boa fama” e também a “má fama”, sendo que esta última é a mais fácil de se alcançar. Fama e sucesso estão entrelaçados, mas é preciso lembrar que, também, existem os malsucedidos e os bem-sucedidos. Porém, muitos parecem não se importar com isso, e na obsessão de aparecerem a qualquer custo, conseguem resultados desastrosos.

Diante disso, só nos resta uma alternativa: estudar e trabalhar muito. Mas não se desanimem, pois se a fama e o sucesso não vierem, ao menos os seus descendentes não verão nas Redes Sociais os seus momentos de ridicularidade.

A PESCARIA

...

Tarde da noite.
Escuro no quarto.

Ele me pede que bem fraquinha seja acesa a luz amarela
que fica na cabeceira da cama.

Só eu e ele.
A noite seria uma batalha.

Eu sabia.
Ele sabia.

Eu cheguei às 20 horas para a guerra.
A cada um número de horas elas vinham.

Picadinha no dedo.
Pressão.
Temperatura.
Comprimidos e água.

Ao ficarmos sozinhos começava a luta.
Ele quase sem forças devido ao coração fraco.

Regendo nossa sinfonia.
"Alivia aqui do lado..."

"Ajeita aqui o travesseiro..."
"Agora levanta a cama..."

"Água..."
"Agora abaixe a cama..."

"Agora me vira para o outro lado..."
"Tira o cobertor..."

"Tira o lençol..."

Natan de Oliveira

"Deixa o lençol solto..."
"Massageia aqui..."

A luta de movimentos para minimizar seu mal estar
gigantesco, durava e se arrastava pela noite.

Enquanto ele não falava comigo...
Ele balbuciava o tempo todo.

Cheguei mais perto.

"Quê foi Pai?"
Ele me diz com a voz bem fraca "não é contigo".

E continua a balbuciar e guerrear em oração.
E eu também.

Ele orava de forma balbuciante com serena
sabedoria entre gemidos de dor.

Eu orava com raiva em silêncio absoluto.

Ambos sem saber, lutando pela mesma coisa.
Ou cura ou partida.

Naquela última noite não houve sono.
Ele nada dormiu.
Eu que tinha virado massagista e técnico de
enfermagem não podia dormir também atendo aos
seus pedidos para lhe aliviar a dor.

Quase ao amanhecer...
Estávamos exaustos.

Os dois.
Como guerreiros cansados.

E desiludidos do Pai Celeste.
Eu particularmente, cheio de incompreensão.

Volto pra casa.

Faço como robô as tarefas que tinha que fazer.

Converso com as pessoas amadas que eu tinha que falar...

Deito...

Apago!

...

A Sara fica com ele...

Ele, cada vez mais fraco.

Então num dado momento minha irmã se aproxima...

Segura sua mão, ele aperta.

O quarto havia sido fechado pelas persianas.

Totalmente escuro...

Ele segura a mão da minha irmã e diz suas últimas palavras aqui neste plano.

Na escuridão do quarto ele diz, olhando para o teto...

"Quem acendeu a Luz...?"

...

A Luz vai ficando intensa e logo ele sabe o porquê...

Na popa do barco, de branco, sorridente de cabelos brancos mas com aparência de no máximo 33 anos...

O Mestre lhe diz alegre...

"Então José...?"

"Não pegou peixe ontem?"

"Pensou que Eu tinha te abandonado...?"

"O dia da pescaria chegou...?"

Ele quase aparecendo.

Ele me chama com o dedo num gesto quase imperceptível.

Eu me aproximo do seu rosto...

A sua barba branca roça no meu ouvido.

E ele me diz...

Com voz bem fraca quase sussurrante.

Os olhos cansados.

Os meus também vidrados de sono.

E ele diz...

"Pescamos a noite toda com Cristo...

E Ele não nos deu nenhum peixe..."

Imediatamente entendi..

Que ele como eu tinha orado a noite toda.

Ele por uma definição da sua situação.

Eu, irritado com o Pai Celeste para que ele não sofresse.

Então respondi sem pensar...

Como se o Espírito Santo me forcesse a dizer o que ele precisava ouvir...

"Pai, fica tranquilo, o dia da pescaria vai chegar..."

Ele me responde cansado de dor, oração, e da longa noite que passamos juntos lutando...

Ele me diz "Sim... Vai chegar..."

Havia sido testado à exaustão.

E não havia perdido a fé.

Do amanhecer até minha irmã chegar para me substituir no meio da manhã, quase nada falamos.

A noite de pescaria no mar revolto tinha sido longa, desanimadora e extenuante.

Meu Pai José com braços fortes, e ele se assusta com sua força, pois não parecia mais velho com 87 anos mas de novo jovem...

Joga a rede longe ao mando do Mestre.

E fica olhando se os peixes virão.

O Mestre então ri com gosto e diz "Para onde olhas?".

Meu Pai José responde "Para a rede, para ver se os peixes virão..."

Jesus então diz...

"Em verdade te digo hoje, que o dia da pescaria não vai chegar e nem será hoje aqui... Ele já foi..."

"O teu tempo de pesca e labor acabou..."

"Está vendo aquela multidão de pessoas de branco na praia rindo de ti e abanando os braços na beira da praia para chamar a tua atenção...?"

"Vejo, Mestre!"

"Essas são as almas que eu ganhei para Mim através de ti, parabéns Pescador de Homens!"

"Como foi farta a tua pescaria!"

"Agora fica aqui comigo, até que os teus amados venham te encontrar, e eu vejo daqui, que eles já estão com saudade de ti".

"Não vai demorar!"

"Tu vais ver ele de novo!"

"Quem, Mestre?"

"Aquele pescador irado que lutou contigo contra Mim a noite toda de ontem para que tu não sofresse."

"Foi uma noite difícil, mas vocês se verão de novo".

...

Acordo...

19 horas.

Eu me levanto para tomar banho para iniciar novo plantão das 20 horas até às 11 horas da manhã seguinte.

O telefone toca.

Chega a notícia..

Ele partiu!

Eu me dobro e choro.

Meus filhos e minha esposa me abraçam.

Em silêncio eu penso "Obrigado Pai Celeste! O dia de contar o pescado sem provas, sem choro, sem dor, sem tristeza havia chegado para o Pai José.

Eu ainda teria que remar mais um pouco.

Mas nos veremos de novo.

Ele tinha chegado lá e vencido.

E me espera...



Natan de Oliveira

Diário de um sujeito



Helvécio S. Pereira

A dança não é exatamente um simples entretenimento, uma releitura. O coreógrafo, o grande artista da verdadeira dança, nunca cria movimentos do nada ou para nada. Toda coreografia é intencional. Além de dar muito trabalho, sempre haverá algo sendo dito, expresso, insinuado, pois além de ser uma coreografia algo bastante trabalhoso e desgastante, seria ilógico criá-la para nada.

Se você se dispor a ler um livro qualquer, provavelmente ele será dividido em alguns capítulos. Entretanto, o número de capítulos estará obrigatoriamente preso por um tema, um assunto. Assim se dá com a coreografia. Portanto, toda coreografia é amarrada do mesmo modo a um tema, um assunto, e é plenamente possível não só o identificar, percebê-lo, como compreendê-lo.

A dança não é só um fenômeno social, mas também fruto de uma criação coletiva ou individual onde a expressão humana se desenrola a partir de movimentos cuidadosamente pensados, trabalhados e exibidos, com o nítido propósito de informar, esclarecer, discutir ou relatar algo, e nesses casos a dança será apenas o meio e não fim em si mesma. Normalmente, alguns filtros, sejam do ponto de vista filosófico, religioso, ideológico, político, etc., em vá-

rias culturas e sociedades, previne e impede excessos naturais nas referidas coreografias.

Não se trata de uma rigidez puritana: os excessos e lacrações coreográficas (para se usar um jargão atual), sem dúvida têm e causam deformações e perversões danosas, principalmente em novas gerações de jovens e de crianças. Enquanto professores sem informação adequada, porque “formações inadequadas” são muito populares na educação brasileira, em que cursos de especialização são comprados e vendidos quase como tabuleiros sobre caixotes com bugigangas de camelôs, esses mesmos “educadores” dirão, e dizem, que não se pode orientar os alunos de que o funk é ruim. E como é ruim! São os mesmos a reproduzir falácias sem lembrar do dia em que aprenderam e eram capazes de distinguir entre o vício e a qualidade, se é que aprenderam, ou são apenas papagaios de pirata a repetir fórmulas sovadas de “tolerância” que somente asseguram a intolerância e o distanciamento desta e das futuras gerações do sentido verdadeiro de arte, e, em específico, neste caso, a dança.

Nada na complexa comunicação humana é inocente, da reza ao palavrão, passando pela piada chula, pelo salmo ou pela blasfêmia; com a dança, em todas as suas formas e versões, não é diferente.



Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com

CRISTÃO ^{papo}

por Michel Salomão

Tem gente que diz que precisamos ficar felizes com a proximidade do fim, porque Jesus irá voltar. Não há dúvida quanto a isso, mas, para quem estiver vivo, será um “espetáculo” ruim de se ver. Até que aconteça, as pessoas serão marcadas e quem se opuser será impedido de comprar e vender (e exercer seus direitos). Haverá mortes, muitas mortes, guerras, cataclismos, até que surja um “pacificador”, que exigirá ser adorado, assim como fazem os líderes socialistas. Mas será pior: haverá, por pouco tempo, não mais do que três anos e meio, um aparente clima de paz. E nos três anos e meio restantes será um inferno. Não, isto não é papo de doido, de fanático religioso, pois não sou eu que estou profetizando: está na Bíblia, em Apocalipse e, também, no livro de Daniel. Ah, é claro, você não lê a Bíblia, só lê aqueles folhetinhos que distribuem por aí, sendo que muitas igrejas não falam sobre o isso, pois temem que os fiéis saiam por aí quebrando tudo e, principalmente, porem de dar dinheiro para elas.

Não há como não nos angustiarmos com os rumos que o mundo está tomando. Em nosso íntimo, ainda temos a esperança de que as pessoas possam se corrigir, deixando de lado a maldade, a soberba e o egoísmo, mas a realidade nos nocauteia de uma forma cruel. Muitos serão chamados, mas poucos serão escolhidos.

Não foi nada fácil para os discípulos, e muito menos para os 11 apóstolos (Judas pulou fora e foi substituído por Mathias),

viverem naqueles tempos, vendo Jesus ser perseguido e, por fim, trucidado, sem que pudessem fazer absolutamente nada, mesmo sabendo que Ele ressuscitaria no terceiro dia e marcaria para sempre o destino da humanidade.

O problema é que eles não acreditaram imediatamente. Pensavam que Jesus viria para governar o seu país, tirando-o da tirania de Roma. Por isso, teria sido previsível a reação de Pedro, que decepcionou a orelha de um soldado romano, pois pensou que precisava defender o Mestre.

Não raramente, somos levados a reagir com excesso às provocações e à injustiça e acabamos nos tornando iguais ou piores do que os provocadores e injustos. É por isso que Jesus falava para darmos a outra face, se nos batessem. Jamais conseguiremos ser como Ele. Partimos para a ignorância quando nosso carro toma uma fechada no trânsito, ou quando alguém faz algum comentário mais depreciativo a nosso respeito. Mas devemos nos esforçar. E tentar. E tentar mais uma vez. Quando estivermos perto de desistir, é só tentar uma última vez.

A missão do cristão é exatamente essa: arregimentar a paz, espalhando o Evangelho pelo mundo. Na iminência do confronto final, alguns poderão ainda ser resgatados, mas bilhões perecerão, por cederem às forças do mal. Se você está achando esse papo ruim, leia os textos de Daniel e do Apocalipse. Pode ser que, assim, caia na real. Fiz a minha parte. Fui.



Coisas do passado: cada um de nós tem algo a lembrar e contar

Rosemare Gomes

Não sei quanto a você, mas se algo surge das memórias, eu preciso externa-las, seja contando a alguém, escrevendo ou arrastando-a mentalmente, até que ela se canse de mim, e jamais eu dela. Por isso, cada um dos “causos” que irei contar por aqui, tem como testemunha (ou será cúmplice) o meu filho. Neste momento, como em tantos outros, em que redijo estas linhas, ele está me olhando, as vezes rindo, as vezes imaginando, sem a real noção do que descrevo, e, provavelmente pensando: que mundo era esse?... Agora mesmo, ao reler os rascunhos, arranquei risos dele, novamente. São episódios do tempo em que minha madrastra estava viva.

— A visita está chegando. Não quero ninguém fazendo perguntas! Ouviu Paixão?

— disse minha mãe.

— Sim, senhora!

A visita entrou, mamãe serviu o café!

— Hoje só vai ter café com língua.

Perguntei:

— Eu tomei só café, cadê a língua?”

Mamãe me olhou com olhos que soltavam fogo. Nessas horas, você corria!

A visita foi embora. Mamãe me disse:

— Paixão, por que me falou, na frente da visita, que tomou café puro?

— Pensei que a língua era a de boi, que tínhamos recheada para o almoço. A senhora disse para a visita que íamos tomar café com língua...

Mais tarde, descobri que a tal língua de que falava era a língua que temos na boca. Então, ri pra caramba! E ela, com aquele olhar sério de reprovação, me encarava. Um olhar que todos conhecíamos, que era para sair de perto.

— Paixão (era como me chamavam), por que está aí sentada, debaixo do pé de goiaba, pensando na morte da bezerra?

Olhei para ela e perguntei:

— Que bezerra?... Eu nem sabia que a bezerra morreu.

De novo, aquele olhar de nenhuma paciência; e completou:

— Paixão, vá limpar o terreiro e o galinheiro. Coloque água nos pés das plantas, assim você não vai ter tempo para ficar pensando besteiras!





Há coisas que mudam de valor de tempos em tempos, hoje pode parecer algo sem importância, mas naquela época era diferente. Coisas aparentemente banais eram caras e verdadeiros luxos.

Nesse dia, acordei feliz, rindo sozinha, mas nem sempre foi assim. Até a mãe (madrasta) me chamar:

— Vá lavar o chiqueiro, dê um banho no porco!

Tudo bem. Fui rumo ao chiqueiro, dei um banho no porco, lavei o chiqueiro, ficou tudo um brinco, tudo limpinho! Mas logo em seguida, o porco, por ser porco, sujou tudo novamente. Nessa época, minha madraستا (mãe), engordava leitões para o Natal. Tudo corria normal, até que, bem mais tarde,

mamãe lembrou-se do banho. Aí, ela questionou:

— Cadê o meu sabonete e bucinha?

Respondi, de pronto:

— Esqueci no chiqueiro... o porco comeu o sabonete e a bucinha!

Foi um silêncio paralisante, até que ela gritou:

— Não acredito que você fez isso!... Terêncio, ô Terêncio (era o meu pai), essa menina é louca, sem noção!... Agora, fiquei sem o meu sabonete Gessy, homem!

Artigo de luxo, naquela época, e só ela tomava banho com esse sabonete. Eu, meus irmãos e irmãs, usávamos sabão Mossoró, amarelo, cheio de pintinhas

brancas, e que deixava a pele toda russa!

Ela ficou vários dias sem conversar comigo, e provavelmente sem tomar banho! Dava as tarefas para eu fazer e eu as fazia, sem perguntas ou muxoxos. No meu ponto de vista, não ensinavam as coisas como se ensinam hoje. No final das contas, alojaram-se nos seus pés vários “bichos-de-pé”, e isso não foi nada bom.

Volto, na próxima edição.



Rosemare Gomes é escritora, pedagoga, professora e teóloga.
rochарosemare@gmail.com

FAÇA

TEATRO

Curso Profissional & **NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp
98025-1010

vagas limitadas!

SPOILERS



O POÇO 2

A NETFLIX havia lançado uma série que, na época, deu muita repercussão, pela sua esquisitice: “O Poço”. Tudo girava em torno de uma espécie de prisão vertical, onde os prisioneiros recebiam a comida em uma plataforma flutuante, que vinha de cima para baixo, e é claro que os que estavam nos andares inferiores seriam prejudicados, ficando evidente o sistema de luta de classes, castas, desigualdade social, e assim a rebelião estava garantida. Já que deu certo, poderiam ter deixado por isso mesmo, mas, não: resolveram fazer uma continuação, que veio na forma de um único capítulo, porque seria impossível render mais. Porém, essa continuação não foi tão feliz, pois se apegou unicamente à violência quase pornográfica, aos cenários escuros e vermelhos, aos personagens caricatos, tudo com a mais absoluta falta de enredo. O episódio começa com ambiente dividido por um gordão careca e uma top-model com sua boquinha hialurônica.



E a comida vai descendo, mas inicialmente os prisioneiros mantêm o pacto de só comerem o que pediram, que no caso do gordão era pizza e a boquinha, croquetes, ou seriam severamente punidos. Mas os gordões são gordões por algum motivo, e o nosso personagem resolveu quebrar a regra, dando início a uma quebradeira total.

O mais surpreendente é que o glutão, num raro momento de altruísmo, visto ter sido ele o culpado pela rebelião, coloca fogo em próprio corpo e pula no



“fosso”, que é o grande buraco quadrado por onde passa a plataforma feita de um grosso concreto, mas que flutua sabe-se lá como. Mas não adianta nada e o pau quebra pra valer: os prisioneiros sobem na plataforma e vão matando a galera que está abaixo, até que surge um grupo messiânico, comandado por um líder cego, que toca o terror de verdade.

Depois de muita matança, de muito sangue e escuridão, a mulher da boquinha inchada sobrevive, encontra uma criança, salva essa criança, flutua e coisa e tal. Coisa mais linda. Não me venham perguntar o verdadeiro sentido dessa patifaria, a “moral da história”, pois desliguei o aparelho, arrependido por ter perdido o meu precioso tempo.

A CULPA É DO MILTON

Teve muita gente decepcionada com a passagem do furacão Milton pela Flórida. Alegam que prometeu muito, mas não entregou resultado. Poderia ter se chamado Furacão Pablo Marçal, que fez muito alarde nas eleições de São Paulo, prometeu revelações bombásticas de seu maior opositor, mas era biscoito de polvilho: era um laudo médico forjado, cheio de erros de português, e por isso tem gente que acredita que teve o dedo avulso do Lula na jogada.

Milton não é um bom nome para furacão. Milton. Milton. Coisa mais sem graça. Katrina era muito melhor: forte, vingativa, destruidora. Poderiam ter colocado Ivana, Priscilla, Martha, mas os progressistas não permitiriam que lhe atribuissem nome de mulher, pois daria margem a brincadeiras machistas, ao comparar o furacão a ex-esposa, que sai, levando tudo.

Uma grande parcela do jornalismo vive disso: fazer sensacionalismo, assustar as pessoas, causar pânico. Chegam a explorar ao máximo



a situação, de forma quase pornográfica, em close, mostrando o choro e o desespero das pessoas, às vezes forçando a barra para render o bloco, mas no caso do furacão, anunciaram que seria na Categoria 6, o mais terrível de todos, que causaria milhares de mortes e total destruição, mas o bicho entrou em Orlando na Categoria 3 e depois desceu para a Categoria 1.

Para causar furor, alguns canais de comunicação chegaram a mostrar imagens de outros furacões mais devastadores, e teve gente que até acelerou o vídeo, para causar mais impacto, mas a verdade é que o Milton frustrou as expectativas de muita gente, apesar de ter causado sérios prejuízos e mortes, o que é lamentável, e jamais seria nossa intenção brincar com essas coisas. Mas estamos tão somente criticando o jornalismo e o seu hábito de aterrorizar a população.

Agora os alarmistas de plantão terão que concentrar o seu foco no meteoro que passará próximo à Terra, no mês que vem.





coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, tenho um conhecido que é viciado em exames de próstata. Faz uma média de seis exames por ano. Ele é casado, tem três filhos, vai à igreja todos os domingos, mas acho isso meio estranho: será que ele é?

Nelson - Não acho: tenho absoluta convicção. Experimente colocar para tocar perto dele a música "I'm Survivor" e veja o que acontece.

Quando vamos em bares ou restaurantes, a minha namorada gosta de flertar com os homens, e assim que se aproximam, ela faz o maior estardalhaço e me chama para tirar satisfação com eles. Parece que ela faz isso para provar que a amo. Você concorda?

Nelson - Discordo. Penso que ela faz isso para provar que você é um otário.

Eu fui em uma das famosas festas do Didi, um cara que mora no meu bairro, e as coisas que acontecem lá, por lá ficam. O problema é que, no final das contas, passaram a mão na minha bunda e não comi ninguém. Será que devo reclamar com ele?

Nelson – Eu não faria isso. Afinal, gente como o Justin Biber teve menos sorte do que você.

Nelson, fui em uma médium e ela me disse que já tive várias encarnações, a exemplo de um Imperador Romano. Acha isso possível?

Nelson – Acho sim. Inclusive, é possível que as pessoas reencarnem em animais. Também tenho dons mediúnicos e vejo que em outra encarnação você foi um jegue.

Quando eu era pequeno, tinha o apelido de Piolho, e sofri muito bullying por isso. Hoje sou um homem bem-sucedido, tenho uma bela família, sou diretor de uma grande empresa, moro em uma mansão, tenho carros importados na garagem, faço pelo menos duas viagens internacionais ao ano, mas se alguém aparece e me chama de Piolho, saio do sério na hora.

Nelson – Ah, deixa disso, Piolho.

O pastor da minha igreja quer que os fiéis deem para a igreja, além dos dízimos, um percentual fixo de ofertas sobre tudo o que recebemos, sugerindo algo em torno de 3 a 10%, ou mais. Você acha isso certo?

Nelson - Acho, sim. Inclusive, vou largar tudo o que faço para virar pastor.

Nelson, masturbação em excesso faz nascer cabelos nas mãos?

Nelson - Se fosse verdade, seria a solução para a calvície: bastaria esfregar a careca freneticamente para qualquer um se transformar em um verdadeiro Sansão.